

QUANTOS PALHAÇOS CABEM DENTRO DE UM CURRÍCULO?

Virginia Maria Barcellos ¹

RESUMO

Fruto de uma pesquisa de doutorado em finalização que se dá numa aproximação pós-investigativa (St. Pierre, 2018) e autobiográfica, esta proposta de trabalho parte de um pensar radical, que mexe com o fazer currículo e os corpos. Ao começar o doutoramento, conheço a teoria pós estrutural, que rasura toda a teoria conhecida por mim até então. Só uma intuição se confirmou ao longo da pesquisa: O Palhaço Promessa, possuidor de um universo inesgotável de possibilidades e descobertas onde se torna possível abordar o humano e além, em sua pluralidade subjetiva. Um palhaço múltiplo, amplo e híbrido. Mas à medida que passa por cada localidade, cultura e temporalidade, demonstra que não se trata de uma unidade central geradora, mas de iterações diversas. O palhaço carrega em si a monstruosidade e a redenção, o grotesco e a inocência capazes de catapultar tal fricção. Atualmente o palhaço dialoga principalmente com a criança. Mas com qual produção de criança essa produção de palhaço dialoga? Em um duplo movimento, onde a criança produz o palhaço e o palhaço produz a criança, ambos vão se transformando em uma coisa asséptica. Ao não se poder falar de sexualidade perto da criança, rouba-se isso do palhaço também, uma vez que existe um movimento similar de construção de ambos. Tornam-se assépticos e em parte, apagados e normatizados. Isso me leva a ponderar se é possível limpar um palhaço e uma criança que habitam em um corpo, ou se é chegada a hora de admitir que para uma teoria pensar sobre estes corpos, precisamos sujá-la. Uma teoria pensada de baixo para cima, perto das mucosas e dos fluidos. Na teoria, a construção da boca, do cu, da criança e do palhaço são igualmente limpos. Tão limpos quanto o currículo. Assim, a proposta aqui seria utilizar um palhaço/promessa para tensionar e denunciar a genealogia de uma certa assepsia, que complica a infância, o corpo, o palhaço e a teoria. Aqui o estudo do palhaço não é para defini-lo, mas para inspirar-me na iteração deste modo de existir em relação ao mundo e com o currículo. Por acreditar que o que todos os currículos têm em comum é o corpo, um estar no mundo, exercito miragens onde a teoria se dissolve, complicando o jogo. A proposta além de ser uma discussão teórica e ética, é um processo de me assumir crip (Greiner, 2023) úmida (Haddock-Lobo, 2011) evocando o riso como guia e informante, explorando a educação e a metodologia, tendo o palhaço como ponte entre esses dois movimentos. Porém aqui o riso faz parte do sério. Um pensamento que simultaneamente, crê e não crê, respeita e zomba de si mesmo. Um pensamento tenso, porém, aberto, dinâmico, paradoxal, que não se fixa em conteúdos, que não se pretende nenhuma culminância. Ao final, considera-se pensar um currículo do tropeço, que se reconfigura de forma dinâmica e no momento presente. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Currículo. Palhaçaria. Corpo.

¹ Doutoranda em Educação ProPED/UERJ,
Diretora ISAT- SG, vicky02@gmail.com